



DILEMAS E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NA ERA DA DESINFORMAÇÃO

“[...] desde que um fato é contado, para fins intransitivos, e não para agir diretamente sobre o real, isto é, finalmente, fora de qualquer função que não seja o exercício do símbolo, produz-se esse desligamento, a voz perde a sua origem [...]”

(BARTHES, 2004, p. 58¹).

Este Dossiê Temático ***Fake News, Ciberultura e Educação Básica*** apresenta profícuos, significativos e diversificados resultados de estudos, experiências gestadas em programas de pesquisa, ensino e extensão, na articulação Educação Básica e Universidade, advindos de esforços coletivos de profissionais da educação, da saúde, da psicologia, das ciências aplicadas, dentre outras. Contou ainda com a parceria interinstitucional dos grupos de pesquisa Didática Intercultural e Tecnologias (DIDATEC), vinculado à Universidade Federal da Bahia (UFBA), Grupo de Pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior (DIFEBA), associado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e o Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos sobre Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação - LÊTECE, vinculado à Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Os trabalhos que compõem este dossiê foram gestados durante a pandemia de Covid-19 (antes e após a vacina), enfrentando, além da crise científica, o aumento da crença em desinformação sobre a ciência, difundidas em redes sociais, sites, blogs e outros canais de informação. Assim como, conflagração de desinformação proposital inculcada na sociedade, com vistas a macular imagens das instituições e pessoas, e, desacreditar o processo eleitoral em 2022, que culminou em atos antidemocráticos, de ataques à soberania popular manifestadas nas urnas, aos poderes Judiciário e legislativo, concretizados no dia 08 de janeiro de 2023, com a invasão à sede dos três poderes em Brasília.

¹ BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*, 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.



As *fake news*, ou desinformação, podem ser definidas como relatos que inventam ou alteram os fatos disseminados em larga escala nas mídias sociais por sujeitos interessados nos efeitos que estes tipos de mensagens podem produzir nas pessoas. Nesse contexto, a proposta deste dossiê é compartilhar resultados de investigações e projetos sobre a temática, que contribuam com o enfrentamento desta problemática na educação, na interface da formação docente com o uso de tecnologias digitais, em parceria com a universidade, em rede colaborativa, apontando como as experiências pedagógicas e projetos realizados têm pautado o tema e realizado intervenções, que resultaram, sobretudo, na formação de docentes e estudantes no combate às *fake news*. Concebemos a escola como uma comunidade cujo ato educativo é político, ético, estético e, portanto, corresponsável por uma formação crítica de leitores/as e produtores/as de mensagens e sentidos, atentos/as aos discursos veiculados de modo reiterado nas mídias sociais na ciberultura, cujos efeitos de sentidos em época de pós-verdade apontam para implicações à construção do conhecimento com base científica, tanto para os/as estudantes, quanto para os/as docentes, bem como para a sociedade em geral.

Nosso desafio é assegurar o combate às notícias falsas em contexto cibercultural, também na educação básica, em defesa de ações formativas, democráticas e auto formativas, dando visibilidade às intervenções e experiências que vêm sendo realizadas no combate às *fake news*. Deste modo, nos cumpre ressaltar a experiência da Finlândia neste quesito, haja vista que nas escolas daquele país, aprender a identificar notícias falsas e desinformação é tão importante quanto ciências ou matemática. O país europeu de 5,5 milhões de habitantes incluiu a disciplina de “alfabetização midiática” no currículo escolar, desde os anos iniciais até o ensino médio, e tem tido resultados significativos. O país ficou em primeiro lugar em resiliência contra a desinformação entre as 41 nações da Europa. Com um dos melhores sistemas educacionais do mundo, a Finlândia se destaca pelo quinto ano consecutivo².

O movimento produtivo da cartografia psicossocial, empreendida neste dossiê temático, repleto de experiências acerca da promoção da educação midiática e do

² Ver matéria completa em: <https://gizmodo.uol.com.br/finlandia-inclui-disciplina-de-combate-a-desinformacao-nas-escolas/>. Acesso em 31 jan. 23.



letramento científico e informacional, acionando atividades diversificadas de ensino e pesquisa, pautou-se também na perspectiva dos multiletramentos, como uma prática social a serviço da formação leitora cidadã, numa batalha travada contra a desinformação. Narrativas que confrontaram vidas, atividades profissionais, economia, saúde e sistema vacinal, criando um inimigo externo causador da pandemia para culpabilizar e ofuscar o descaso do governo federal no combate a Covid-19, que causou a tragédia humanitária que assistimos no Brasil, bem como, materializado mais recentemente com o extermínio do povo Indígena Yanomami.

Deste modo, este registro histórico, reúne e traz à lume 15 (quinze) artigos cujo debate apresentamos um *spoiler* para que os/as leitoras/es façam uma imersão curiosa e instigante, fazendo o papel de coautores/as no conjunto dos artigos que abordam de modo geral, questões que transversalizam o tema central ***Fake News Ciberultura e Educação Básica***. Os artigos adotam abordagens que problematizam o uso das tecnologias e mídias digitais no processo educativo na educação básica e na universidade. Apresentam os desafios enfrentados pela educação, saúde, da psicologia, das ciências aplicadas e a sociedade em geral, no esforço de combater os prejuízos causados pela alienação no processo de escolarização, dialogando com os conceitos de *fake news*, ciência, tecnociência, codociência, redesenho didático das aulas na imersão híbrida das plataformas digitais, formação docente inicial e em exercício, cartografando de modo diverso, fecundo e atual, experiências e coautorias docentes e discentes em redes colaborativas.

Os artigos destacam, ainda, as noções de *fake news*, desinformação e pós-verdade e os lançam ao diálogo interdisciplinar com um repertório teórico-metodológico que privilegia abordagens qualitativas multirreferenciais, pesquisa-formação, estudos de revisão sistemática, dentre outras, numa incursão epistêmico-metodológica implicada como o tema do dossiê - *Fake News* - e seus efeitos de sentidos deslizantes, atualizando conceitos que se hibridizam, tais como: letramento digital, letramento informacional, letramento científico, multiletramentos e divulgação científica, tomando as redes sociais digitais como espaços para essas práticas sociais de uso das diversas linguagens tecnológicas para ler, consumir, produzir e compartilhar informações, atuando na

formação leitora e produtora crítica de estudantes e pesquisadores/as, docentes e sociedade em geral.

Evidenciamos ainda que a riqueza e diversidade dos artigos que compõem o dossiê, ampliam conceitos que nos são caros na formação dos sujeitos, e ainda diversificam nosso repertório de leitura ao se apresentarem como uma curadoria temática atual, instigante e intrigante, debatendo neste bojo, por exemplo, o conceito de agnotologia, e a consolidação da cultura da ignorância e sua proliferação por meio da disseminação de informações falsas, lançando mão das tecnologias digitais, especialmente àquelas que, veiculadas pela internet, possibilitam a divulgação de mensagens em massa nas redes sociais e outros meios de comunicação. Desse modo, cunhar, ampliar conceitos e tomá-los de assalto para atualizá-los, exige um exercício analítico e nos remete ao que Deleuze; Guattari (1992, p.17)³ defendem, ao afirmar que o conceito nos possibilita outros exercícios de criação híbrida entre paradigmas, devidamente consubstanciados. Importa ressaltar que os conceitos são datados, assinados, historicizados e, por isso mesmo, renovações, substituições, ampliações, mutações e atualizações dão impulsos a novos conhecimentos em distintas áreas do conhecimento.

Os autores/as interrogam, ao longo dos artigos, os mecanismos utilizados por alguns segmentos da sociedade, tais como, o político, o econômico e o religioso, para atacar e desconstruir o conhecimento científico legitimado no percurso dos tempos, nos convocando a uma escuta sensível e atenta para os sujeitos do contemporâneo, atentos/as a uma educação com o espírito do nosso tempo, cujo desafio é sobretudo ensinar a pensar, haja vista que pensar é da ordem da desterritorialização, não é algo natural, é uma fricção, num encontro entre corpos e sujeitos que nos força a pensar numa formação docente que se constitua por meio dos encontros com outras matérias do pensamento e outras linguagens, tais como: arte, literatura, cinema, filosofia, astrologia, cosmologia etc., como experimentações ancoradas no real em distintos modos de existência e de vida, que resistem aos modelos de uma educação ocupada em conduzir e em formatar corpos e mentes.

³ Ver: *O que é filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1992.

Em síntese, concebemos e advogamos que a tríade multiletramentos, formação de professores/as e construção do conhecimento dão a tônica aos giros metodológicos sistematizados nas pesquisas e experiências tecidas ao longo dos artigos deste dossiê. Implica ainda na necessidade de trabalharmos com as multiplicidades de linguagens, tecnologias, mídias, ciência e referências culturais, ou seja, em contextos culturais múltiplos e em espaços multirreferenciais. Esta multiplicidade nos convoca à coautoria e à cocriação de contranarrativas, como diria Barthes (2004), que tenham a função de informar sobre a realidade, atentos/as à veracidade dos fatos, à pesquisa científica e à acessibilidade de todos/as os/as sujeitos/as ao conhecimento, num convite para explorar práticas contemporâneas inclusivas que dialogam com o nosso tempo.

Convite feito! Vamos à leitura!!!

Telma Brito Rocha - Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Ana Lúcia Gomes da Silva - Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Terezinha Fernandes - Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)